



Fórum de  
Pró-Reitores  
de Extensão  
das Instituições  
Públicas de  
Educação Superior  
Brasileiras

*originais recebidos em 27 de outubro de 2015*

*aceito para publicação em 04 de março de 2016*

## Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas-MG: relato de experiência sobre um projeto de extensão universitária

Ana Thereza Reis Magalhães<sup>1</sup>, Cesione Damasceno<sup>1</sup>,  
Enzo Goussain<sup>1</sup>, Júnior Trevisan<sup>1</sup>, Lívia Furtado Borges<sup>1</sup>,  
Lívia Macedo<sup>1</sup>, Luciana Santos<sup>2</sup>, Luís Antonio Groppo<sup>3</sup>,  
Marta Rovai<sup>4</sup>, Mayara Rossato<sup>1</sup>

**Resumo:** O Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas-MG é um projeto de extensão da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), que se reúne desde meados de 2014. O artigo é uma reflexão sobre a experiência do grupo desde então, destacando-se as atividades do primeiro semestre de 2015, as quais reuniram organizações juvenis atuantes no interior desta universidade e a discussão de textos ou filmes que abordavam assuntos relativos à juventude. Também trata da metodologia democrática e participativa de organização do Grupo de Estudos e, enfim, do Seminário das Organizações Juvenis da UNIFAL-MG. Como resultados, a reflexão considera que o Grupo tem valorizado os saberes juvenis construídos, muitas vezes, à margem das rotinas acadêmicas mais visibilizadas.

**Palavras-chave:** juventude, extensão universitária, organização juvenil.

The Study Group on Youth in Alfenas-MG: an experience report on a university extension project

**Abstract:** The Study Group on Youth in Alfenas-MG Youth is an extension project carried out at Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL -MG) which has been holding periodic meeting since mid 2014. The article is a reflection on the group's experience since then, and it highlights the activities of the first half of 2015, based on the discussion of texts and movies with active youth groups in the university. This article also deals with the democratic and participatory methodology of organization of the study group and the organization of a seminar with youth organizations at UNIFAL -MG. As a result, this reflexion considers that the group has valued the youth knowledge, which was in most cases secondary to their daily academic lives.

**Key-words:** youth, university extension, youth organization.

1 Acadêmico de Ciências Sociais, UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas-MG.

2 Acadêmico História, UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas-MG.

3 Professor do curso de Ciências Sociais da UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas-MG. Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Alfenas MG, 37130-000, [luis.groppo@gmail.com](mailto:luis.groppo@gmail.com) (autor para correspondência)

4 Professora do curso de História da UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas-MG.

El Grupo de Estudio sobre la Juventud de Alfenas-MG: relato de experiencia de un proyecto de extensión universitaria

**Resumen:** El Grupo de Estudio sobre la Juventud de Alfenas-MG es un proyecto de extensión de la Universidad Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), iniciado a mediados del año 2014. El presente artículo trata de una reflexión sobre la experiencia del grupo desde entonces, en el cuál se destacan las actividades de la primera mitad de 2015, en que hubo organizaciones de jóvenes activos dentro de esta universidad y la discusión de textos y películas que abordan temas relacionados a la juventud. En este trabajo también se aborda la metodología democrática y participativa de la organización del Grupo de Estudio y, por último, del Seminario de las Organizaciones Juveniles de UNIFAL-MG. Como resultados, se considera que el Grupo ha valorado el conocimiento construido de los jóvenes, muchas veces, al margen de las rutinas académicas más visadas.

**Palabras-clave:** Juventud, Extensión Universitaria, Organización Juvenil.

## Introdução

Dada a crescente importância de temas relativos à juventude no Brasil contemporâneo, surgiu o interesse de trazer este campo de estudos para a UNIFAL-MG (Universidade Federal de Alfenas-MG), instituição onde trabalham os coordenadores do projeto de extensão universitária Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas-MG, Luís Antonio Groppo e Marta Rovai, tratado neste artigo.

Apresentamos a sistematização da experiência inicial deste Grupo, buscando avaliar suas realizações e até que ponto ele alcançou o intento de fomentar “comunidades interpretativas” (SANTOS, 2001) na UNIFAL-MG, valorizando saberes gerados nas experiências de organizações juvenis nos interstícios do cotidiano da universidade.

## Origens do grupo e atuação em 2014

O grupo é um projeto de extensão, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (Pro-Ex) da UNIFAL-MG, nascido como “Grupo de Estudos Os jovens de Alfenas e seus dilemas sociais”, em setembro de 2014. Ao longo do segundo semestre de 2014, o grupo realizou sete encontros quinzenais para sua organização e debates de temas relacionados à juventude, por meio de leitura de textos e de filmes. O grupo também participou do Seminário Interno de Extensão do ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da UNIFAL-MG, em novembro de 2014.

No primeiro encontro, realizou-se uma reunião entre os estudantes e docentes que manifestaram interesse em participar do grupo, para debater a sua criação. As reuniões seguintes contaram com debates sobre os temas

concepções de juventude, juventude e educação, trabalho e vadiagem, gênero e sexualidade e culturas juvenis.

Em seu último encontro, o grupo fez a avaliação das atividades do grupo e planejamento de continuidade do projeto em 2015. Há de se citar também, que os integrantes do grupo realizaram contato com instituições e projetos socioeducativos que lidam com jovens em Alfenas e região.

O grupo teve em torno de 15 pessoas participando em cada um de seus encontros, incluindo os docentes que coordenam o projeto e estudantes de vários cursos de graduação, em especial das Ciências Sociais, mas também de outros cursos, no campo das Ciências Humanas, como História e Pedagogia, e até de outros campos, como Biologia, Odontologia e Farmácia.

Os debates tiveram a característica de uma "roda de conversa", incitando os participantes a pensar sobre sua própria condição juvenil e a dos demais jovens. Ao longo das reuniões, foi se refinando uma metodologia democrática e participativa de trabalho. Primeiro, os coordenadores se conscientizaram de que era preciso evitar uma forma de atuação que repetisse a tradicional exposição em sala de aula. Segundo, os temas e material para debate eram definidos coletivamente, com a contribuição de todos os membros. Terceiro, houve rotatividade nas funções de mediador da reunião e relator, de modo a permitir que o maior número possível de membros do grupo pudesse participar delas: a cada reunião, era definido coletivamente o mediador e o relator do encontro seguinte.

Na última reunião em 2014, foi feita a avaliação, a partir de mais um trabalho coletivo de reflexão. Avaliou-se que foi atingido o objetivo geral de estudo de produções acadêmicas sobre juventude, ou indo mesmo além, pois foi possível incluir também alguns filmes sobre temas não planejados inicialmente, como trabalho, gênero e

sexualidade, resultando em instigantes debates em que pudemos refletir sobre a condição juvenil, debates efetuados de modo diverso do que se costuma ter em disciplinas de graduação, por sua maior liberdade e abertura. O grupo demonstrou a vontade de não apenas conhecer mais e melhor outras realidades sociais para além da própria universidade, mas também realizar intervenções, caracterizando o grupo mais propriamente como um projeto de extensão.

## A proposta do grupo em 2015

Em março de 2015, em sua primeira reunião, o Grupo de Estudos debateu o novo projeto de extensão e definiu as pautas principais para os próximos encontros, com base no contato de organizações juvenis atuantes no interior da UNIFAL-MG e a partir dos temas com que estas organizações se articulavam.

Ficou acertado o convite para a vinda de representantes de organizações juvenis que, em sua maioria, atuavam no interior da própria UNIFAL-MG. Cada organização juvenil articulava um tema específico referente à juventude, a saber: Levante Popular da Juventude e o tema da participação política; Rede Emancipa de cursinhos populares e acesso à universidade; o grupo de maracatu de Baque Virado Muiraquitã e cultura e memória; grupos de oração universitários e religião; APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados), único ‘grupo’ atuante fora da UNIFAL-MG, com jovens e o conflito com a lei; e, por fim, a Atlético de Fisioterapia e esporte e lazer.

## Participação política da juventude

A segunda reunião de 2015 foi realizada com o tema “participação política da juventude”. O grupo convidado a debater conosco foi o Levante Popular da Juventude, que enviou como representante a estudante Larissa Goulart. Previamente, em discussão na primeira reunião, tinham sido definidos dois textos para estudos: Sousa (2009) e Rovai (2015).

O texto de Sousa (2009) criticava o discurso do protagonismo juvenil construído por órgãos supranacionais e absorvido pelas políticas públicas da juventude no Brasil. Este discurso traz uma noção conformista da história, para a qual a única mudança que o jovem pode alcançar é lutar pelos seus objetivos pessoais, respeitando os outros sujeitos e, consequentemente, contribuir com o desenvolvimento de sua comunidade e de seu país. Por sua vez, o texto de Rovai (2015) trata dos movimentos sociais da juventude que lutam ativamente para a transformação social. Estes entendem a necessidade de se repensar o passado, recuperando as memórias das vítimas das ditaduras militares.

A representante do Levante Popular da Juventude, Larissa Goulart, afirmou que a organização surgiu em meados de 2006, no Rio Grande do Sul, desde já apoiando outros movimentos sociais, em especial o

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). De lá para cá, vem realizando mobilizações relativas aos mais diferentes assuntos e pautas sociais, como os “escrachos” e o apoio à Comissão da Verdade.

A militante do Levante recordou sua trajetória pessoal e a adesão a diversos movimentos, em especial o próprio Levante. Destacou a relação dos estudantes militantes com a juventude do MST, afirmando ser uma experiência muito rica, pois ainda que existam diferenças culturais, estas se tornam irrelevantes quando se organizam juntos em prol das causas políticas comuns.

## Juventude, tradição, cultura e memória: um encontro com o Maracatu de Baque Virado Muiraquitã

O terceiro encontro do grupo em 2015 teve por objetivo debater a contribuição juvenil em processos de resistência, transformação e manutenção de tradições e memórias socioculturais. Para tal, lemos um texto sobre a temática (SOUZA, 2006) e convidamos o grupo de Maracatu de Baque Virado Muiraquitã da UNIFAL-MG para falar de sua atuação.

O grupo de Maracatu tem como influência o maracatu de baque virado, manifestação cultural que remete aos festejos, tipicamente pernambucanos, de Coroação dos Reis Negros e de Nossa Senhora do Rosário. Começou suas atividades em 2004, desde o início como um projeto de extensão universitária. O grupo promove, além de apresentações, algumas atividades e oficinas junto à comunidade acadêmica e externa com o intuito de divulgar suas ações.

Apesar de ser rodeado de simbolismos de matriz afro-brasileira, o Muiraquitã remete ao que Souza (2006) concebe como um grupo parafolclórico, marcado pela apropriação e ressignificação simbólica de elementos culturais tradicionais, por não possuir ligação histórica direta com as populações que cultivaram inicialmente estes elementos. Contudo, ainda que o discurso de sua representante tenha confirmado as matrizes parafolclóricas deste grupo, percebemos que o significado atribuído por estes agentes em seu campo de atuação parece traduzir um sentimento de pertencimento e de identificação que dotam de sentido suas ações como representantes de uma manifestação sociocultural tipicamente afro-brasileira.

Nosso encontro permitiu tanto conhecer mais sobre o grupo – suas demandas, dificuldades e ações – quanto perceber as apropriações e transformações dos folguedos tradicionais em objeto de resistência, como formação identitária, por meio da assimilação e ressignificação de códigos simbólicos já estabelecidos. Conforme Souza (2006), a ressignificação se dá com o uso de elementos de tradições afro-brasileiras pernambucanas por jovens universitários de outras regiões do país e até mesmo de outras etnias. Elementos conformadores de uma identidade tradicional ou comunitária são reapropriados para gestar uma identidade juvenil singular em um meio universitário, identidade juvenil que busca se legitimar

por uma vivência que se quer autêntica de elementos artísticos e religiosos afro-brasileiros.

### **Juventude e religião e a ABU (Aliança Bíblica Universitária)**

O quinto encontro do Grupo de Estudos teve por objetivo debater juventude e religião. Para compor o nosso debate, tivemos a leitura prévia de textos relacionados com o tema (em especial, Novaes [2012]), e convidamos a ABU da UNIFAL-MG para fazer uma exposição sobre a sua forma de atuação na universidade. Também participou da reunião o professor Elias Gomes, do curso de Ciências Sociais da UNIFAL-MG, que tem feito pesquisas sobre o tema, e nos ofereceu alguns artigos de sua autoria para nossa leitura prévia, destacando-se Gomes (2007).

A ABU UNIFAL-MG iniciou suas atividades em 2003. Faz parte de uma rede missionária evangélica que tem como intuito compartilhar o evangelho em escolas e universidades. O grupo afirma que busca sair das paredes da igreja para um maior envolvimento com a sociedade, tendo uma participação ativa em questões sociais, sem desconsiderar a importância da espiritualidade. A ABU é composta por dois grupos. Cada grupo se encontra em dia e horário distinto da semana, um no final da tarde, outro no intervalo do período noturno, na intenção de ser disponível a todos os estudantes, em ambos os casos, na marquise de um dos prédios da UNIFAL-MG.

Pelo fato dos encontros se darem em um espaço bastante informal, imaginávamos que a ABU também o era diante da universidade. Entretanto, descobrimos que ela é uma organização reconhecida oficialmente, registrada na PRACE (Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis), por meio do NEMRES (Núcleo de Estudos Multidisciplinares de Religiosidade e Espiritualidade), criado em 2011 e que se reúne mensalmente na própria UNIFAL-MG. Segundo dados disponíveis em notícias do site da UNIFAL-MG, o NEMRES (UNIFAL-MG, 2015) tem ajudado a organizar eventos de caráter religioso (como missas e cultos ecumênicos) e voltados a questões estudantis, como o debate sobre o suicídio de jovens.

A partir de alguns discursos dos representantes da ABU, tornou-se possível refletir sobre suas práticas e fazer uma breve análise sobre os pontos de tensão que permeiam suas experiências como jovens religiosos dentro da universidade. O debate e a intervenção de Elias Gomes nos levaram a considerar, por exemplo, que a religião está deixando de ser institucionalizada, tornando-se mais fluída para receber jovens que relativizam possíveis tensões entre religiosidade e vida acadêmica, contemplando assim as identidades construídas socialmente e a síntese do sujeito.

### **Acesso à universidade e a Rede Emancipa de Cursinhos Populares**

O quarto encontro do grupo teve como tema de discussão

o acesso à universidade. Para tanto, convidamos o Emancipa Sul de Minas, movimento social de educação popular vinculado à Rede Emancipa de Cursinhos Populares, para dialogar sobre a questão, além da discussão de dois textos - Mendes (2012) e Rosistolato et al. (2013) - que tratam de propostas de cursinhos populares e seus desdobramentos.

Em Alfenas, o Emancipa teve sua origem na universidade no ano de 2014 com algumas intervenções e eventos internos e, em 2015, iniciou suas atividades como cursinho na Escola Estadual Judith Vianna. Sua concepção pedagógica se referencia em Paulo Freire (1987), pautada na ideia de uma educação popular, ou seja, uma educação que rompa com a lógica mercadológica, baseada em um viés crítico que visa estabelecer um diálogo com os educandos e que, acima de tudo, considere os saberes dos estudantes envolvidos no processo. Além disso, o movimento considera que o educar não acontece apenas na sala de aula, mas também no processo de luta e de reivindicações por pautas estudantis e da juventude, além de construções coletivas.

Para que discussões políticas e momentos de socialização possam acontecer no cursinho, existem dois espaços que compõem a grade curricular do movimento: o círculo do emancipa e o tempo livre. O círculo do emancipa são espaços inspirados nos círculos de cultura freirianos no qual, em roda, são discutidos temas geradores, relacionados à realidade dos estudantes em uma relação de troca de saberes. Já o tempo livre, inspirado no tempo de não trabalho do MST, é um momento no qual os estudantes possuem um tempo para conversar, socializar e aderir ou não a alguma das atividades de lazer propostas, como música, teatro, esportes e oficinas. Esses momentos são considerados pelos militantes do movimento como fundamentais para a formação coletiva de todos que o compõem: professores, coordenadores, colaboradores e estudantes.

Como discutido por Mendes (2012), a principal pauta do movimento é assegurar o direito universal à educação. Luta para que não existam processos de seleção e que o direito à educação superior pública de qualidade seja garantido a todos.

Outra questão discutida durante a reunião e que dialoga com o texto de Rosistolato et al. (2013), é a respeito da relação de solidariedade criada entre a comunidade de cursinhos populares. Os pesquisadores tinham a hipótese de que a procura dos cursinhos populares ocorria por causa das condições financeiras dos estudantes, mas essa hipótese foi comprovada em poucos casos, pois muitos recorrem aos pré-vestibulares populares - além de se prepararem para as provas - em busca de redes de solidariedade, reconhecimento dos professores e uma "ideologia" diferente da dos cursinhos convencionais. O que, na experiência dos militantes do Emancipa presentes na reunião, acabou se confirmando, quando trataram a respeito da identificação dos estudantes com a forma de diálogo e com a concepção pedagógica proposta pelo movimento.

## Juventude e questão social e a APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados)

Uma de nossas estudantes fez a proposta, acatada pelo grupo, de chamar para conversar conosco o representante de uma instituição que difere das demais aqui apresentadas, pois não é uma organização juvenil atuante na universidade. Trata-se do presidente da APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) de Alfenas, Eduardo Silvério, que veio conversar conosco sobre o funcionamento desse sistema carcerário alternativo, ainda pouco conhecido. Este foi o tema de nossa sexta reunião.

Fundamentou nosso diálogo o artigo de Vargas (2009), que trata de uma pesquisa em antropologia social sobre a APAC. É conveniente trazer parte do resumo deste artigo, abaixo, pois ele destaca as principais características desta instituição. A única ressalva em relação à sua descrição é que atualmente existem APACs que se fundamentam em religiões evangélicas, além da católica:

Este artigo apresenta um método alternativo de prisão denominado Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), instituído há sete anos como política pública no Estado de Minas Gerais. O método APAC já foi institucionalizado, tornando-se uma ONG dirigida por um grupo de religiosos leigos e, atualmente, existem 108 entidades que, de forma paralela às prisões comuns, administram o cumprimento da pena privativa de liberdade no Brasil. Fundamenta-se na religião católica e visa atuar como uma terapêutica penal. “Todo homem é maior do que seu erro” é o pilar que sustenta a crença na recuperação do preso e, para seus idealizadores, o objetivo da metodologia é “matar o criminoso e salvar o homem.” (VARGAS, 2009, p. 129).

Dados estatísticos trazidos por Vargas (2009) indicam que a taxa de reincidência dos egressos das APACs é muito menor que a dos presídios comuns, o que serviria para comprovar a validade deste método.

Porém, nosso principal interesse era conhecer o trabalho realizado especificamente na APAC de Alfenas, que, mesmo seguindo as diretrizes do Estatuto da instituição, tem suas particularidades. Em sua fala, o presidente da APAC de Alfenas tratou das dificuldades financeiras da instituição, teceu comentários sobre a dependência em relação ao voluntariado e também dos novos projetos que pretende desenvolver. Integrantes do grupo de estudos demonstraram interesse em conhecer *in loco* a sua sede em Alfenas e até mesmo de pesquisá-la e atuar como voluntários. Uma de nossas integrantes realmente tornou-se voluntária da APAC de Alfenas, onde tem atuado desde então.

## Lazer e esporte e a Atlética da Fisioterapia

A última reunião do Grupo de Estudos realizada na

presença de uma organização juvenil teve como tema “juventude, lazer e esportes”. O grupo juvenil convidado para o encontro foi a Atlética do curso de Fisioterapia da UNIFAL-MG, tendo como representante a estudante Mahruska Andrade. A discussão teve como materiais teóricos Magalhães (1991), Pais (1990) e Goussain (2015). A reunião foi dividida em dois momentos, sendo que no primeiro foi realizada a discussão e articulação dos textos com a temática do lazer e juventude; e, no segundo momento, a representante da Atlética da Fisioterapia falou sobre as atividades desenvolvidas pela agremiação e por outros agrupamentos envolvendo o esporte.

No primeiro texto, Magalhães (1991) trouxe a questão do lazer como um fenômeno cultural relativamente novo, pelo fato de o mesmo ter se difundido em meio ao advento das sociedades modernas, uma vez que o tempo liberado (livre) passou a ser ocupado por atividades laborais que não estavam necessariamente ligadas ao mundo do trabalho. No segundo texto, Pais (1990) relata a investigação sobre agrupamentos de jovens em três situações socioeconômicas distintas, com o objetivo central de desmistificar a ideia de uma cultura juvenil homogênea, evidenciando a diversidade de juventudes conforme as diferentes experiências de “ser jovem”. Em seu trabalho, Goussain (2015) tratou da estrutura das festas universitárias dos estudantes da UNIFAL-MG, dando destaque às diferentes motivações dos estudantes desta instituição para a organização e participação em tais eventos.

Por fim, Mahruska Andrade fez um relato de suas experiências como membro da Atlética e dos desafios de articular atividades esportivas para os estudantes em conjunto com a instituição e outras atléticas e agremiações discentes. A atlética organiza jogos e treinos semanais nos mais diferentes esportes, além de festas e eventos com o intuito de arrecadar fundos para a compra de materiais esportivos e viabilizar campeonatos.

## Seminário: “Jovem não apenas estuda, também se organiza!”: Encontro dos grupos juvenis da UNIFAL-MG

Na intenção de encerrar o primeiro ciclo das atividades do Grupo de Estudos sobre Juventude, foi realizado entre os dias 15 e 16 de junho de 2015 um seminário, com duas mesas, reunindo a maioria das organizações juvenis atuantes na UNIFAL-MG. Algumas destas organizações também estiveram presentes nas reuniões do Grupo ao longo do 1º semestre de 2015. O Seminário foi denominado “Jovem não apenas estuda, também se organiza!”: Encontro dos grupos juvenis da UNIFAL-MG.

O objetivo principal do Seminário foi divulgar, em especial para os estudantes, quais eram as organizações juvenis existentes dentro da universidade e seus respectivos campos de atuação, representando espaços diferentes de sociabilidade. Considerou-se que esta grande diversidade de grupos juvenis, atuantes dentro da UNIFAL-MG, não era conhecida por todos. Daí a

necessidade sentida de dar maior visibilidade à atuação dos mesmos dentro do espaço da universidade.

Convidamos para fazer conferências as organizações que participaram de nossas reuniões ao longo de 2015. Contudo, durante a organização, vários outros grupos foram ‘descobertos’ por nós, alguns dos quais também vieram nos procurar.

A Mesa 1, que ocorreu no primeiro dia, recebeu o título “Outras formas de lutar”. A mesma foi composta por estudantes que representaram o Levante Popular da Juventude, a Rede Emancipa, o Coletivo Quilombo, o Movimento das Repúblicas de Alfenas, o Coletivo Suavis e o Coletivo Feminista. O objetivo foi apresentar algumas organizações juvenis que realizam atividades de caráter político e cultural que se distinguem das formas tradicionais de organização estudantil, como os centros acadêmicos. Estas têm ajudado a ampliar o sentido de política na universidade, tanto trazendo discussões sobre a política nacional mais ampla, quanto a problemas do universo estudantil, mas também ajudando a politizar questões que tradicionalmente ficavam restritas ao mundo privado, como a questão de gênero, a criação cultural e as condições de vida dos estudantes.

A Mesa 2, que aconteceu no dia 16, com o tema “Cultura, lazer e religiosidade: outros espaços de atuação juvenil”, foi composta por estudantes que representaram o Maracatu de Baque Virado Muraquitã, a ABU, o coletivo Sagrado Feminino e as Atléticas dos estudantes dos cursos de Odontologia, Fisioterapia, Química, Geografia e Farmácia. Seu objetivo foi apresentar algumas organizações que realizam atividades de caráter cultural, religioso, espiritual, esportivo e lúdico. Considerou-se que elas têm ajudado a ampliar as possibilidades de participação, integração e sociabilidade entre os estudantes. Do mesmo modo, considerou-se que as mesmas contribuem para o engajamento dos estudantes em atividades artísticas, esportivas, culturais e espirituais, entre outras, e têm sido importantes para sua formação e socialização.

Em relação ao público, cada mesa contou com cerca de 100 pessoas. A comissão organizadora considerou este dado excelente por contrastar fortemente com a imagem de que os jovens em geral têm pouco interesse em formas alternativas de participação.

Consideramos também parte fundamental da avaliação que o seminário tivesse um retorno do próprio público. Para tanto, a comissão organizadora criou um breve formulário para ser respondido pelos que assistiram a cada uma das mesas-redondas.

Foram respondidos, no total, 108 formulários. Destes, 100 foram preenchidos por estudantes, 6 por docentes e 2 por pessoas da comunidade. Para 21 pessoas, a mesa superou as expectativas. Na opinião de 75 pessoas, a mesa atendeu às suas expectativas. Para 11, atendeu em parte. Uma pessoa não respondeu. Ninguém afirmou que o evento não atendeu às expectativas. Do ponto de vista da satisfação do público, é possível afirmar que o Seminário foi muito bem sucedido.

O formulário também perguntou se o evento teria

despertado – ou reforçado - o interesse em participar de alguma das organizações juvenis que se apresentaram. 30 pessoas afirmaram já participar de uma das organizações. 40 disseram que se interessaram em participar; 14 disseram que não se interessaram; outras 14 não responderam a esta questão.

O resultado permite afirmar que o evento conseguiu estimular diversos estudantes da UNIFAL-MG a participar de organizações estudantis. O evento também envolveu vários estudantes já organizados, mas eles não representaram a maioria do público, como talvez pudesse acontecer. Neste sentido, podemos afirmar que o evento serviu para estimular a participação de estudantes interessados em participar de organizações juvenis.

## Considerações Finais

Santos (2001), em instigante texto sobre os (des)caminhos da universidade moderna, faz uma série de propostas para repensar esta instituição. Entre as provocações deste autor, várias delas se referem à extensão e valorização de saberes distintos do acadêmico, que circulam dentro da universidade, ligados à política, cultura e religião, entre outros. Muitos deles são cultivados pelas organizações juvenis da UNIFAL-MG, e que trouxemos para dialogar com o nosso grupo de estudos.

Destaca-se, primeiro, a recomendação de que se deve conceber a ruptura entre ciência e senso comum não como um fim em si, mas como meio, recolhendo os inúmeros benefícios desta ruptura. A universidade poderia ser o local privilegiado para o encontro das muitas formas de saber, considerando a produção de saber científico como uma prática entre outras: “A universidade deve participar na definição das virtualidades e dos limites desta prática no contexto doutras práticas sociais onde se geram outras formas de conhecimento: técnico, cotidiano, artístico, religioso, onírico, literário, etc., etc.” (SANTOS, 2001, p. 228). A universidade, para se democratizar efetivamente, precisa considerar os inúmeros saberes – frutos de práticas sociais – como equivalentes, e valorizar saberes não-hegemônicos relativos às classes e grupos discriminados. Irá, enfim, ser gerado um novo senso comum a partir do diálogo destes saberes com o saber científico.

Em segundo lugar, a universidade deve congrega cidadãos e universitários em “comunidades interpretativas”, buscando formular hipóteses, encontrar respostas e indicar caminhos em relação aos grandes dilemas que têm afetado a humanidade, por meio de um diálogo criativo e crítico que envolva os diversos saberes sociais, não apenas as ciências. Para tanto, as atividades de extensão deveriam se amplificar a ponto de virarem parte integrante, fulcral, do ensino e da pesquisa. Poder-se-ia começar isto reconhecendo e publicizando os múltiplos *curricula* que circulam pela universidade, boa parte de modo informal, reconceituando as identidades de docentes, estudantes e funcionários, que, na verdade, seriam “todos docentes de saberes diferentes” (SANTOS, 2001, p. 225).

Consideramos que as atividades de estudo e debate de temas sobre a juventude, via diálogo com as organizações juvenis atuantes na UNIFAL-MG, foram ao encontro destas duas propostas. Estas organizações cultivam saberes, práticas e modos de formação dos jovens estudantes distintos daqueles usuais da universidade. Ao trazer ao centro de nossas conversas e estudos estas *praxes* diversas, fomos, naqueles encontros, comunidades interpretativas, que buscaram cotejar os saberes do senso comum com os da ciência, não mais considerando os segundos como superiores, mas diferentes, propensos a se enriquecer com o seu cotejo profundo e despojado.

Também, o grupo de estudos buscou trazer, para o lugar central da universidade, aquelas organizações juvenis normalmente relegadas à margem da vida acadêmica reconhecida e/ou oficial. Por esta razão, o seminário das organizações juvenis foi a nossa principal contrapartida para estes grupos, no sentido de que tencionávamos conferir maior visibilidade para tais grupos dentro da universidade. Mas o que eles nos apresentaram foi muito maior, com um conjunto de saberes, experiências e formas educativas que nos fizeram e nos fazem repensar inúmeras verdades outrora estabelecidas.

## Agradecimentos

Agradecemos o financiamento do projeto de extensão pelo PROEXT (Programa de Concessão de Bolsas de Extensão) da Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL-MG.

## Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOMES, E. E. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. **Cadernos CERU (USP)**, n.18, p. 68-89, 2007.

GOUSSAIN, E. **Sociabilidade, lazer e cultura juvenil nas festas universitárias dos estudantes da Universidade Federal de Alfenas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG, 2015.

MAGALHÃES, D. A sociedade perante o lazer: geração do lazer ou do não-sei-que-fazer? **Sociologia**: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 1, n. 1, p. 165-174, 1991.

MENDES, M. Inclusão ou emancipação? Dialética da educação em cursinhos populares. In: ARELARO, Leila G.; FRANCA, Gilberto C. & MENDES, M. (orgs.). **Às portas da universidade**: alternativas de acesso ao ensino superior. São Paulo: Xamã, 2012, p. 129-142.

NOVAES, R. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. **Religião & Sociedade**, v. 32, n.1, p. 184-208, 2012.

PAIS, J. M. Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, v. 25, n. 108-109, p. 591-644, 1990.

ROSISTOLATO, R. P. R.; NETO, J. H.; FREIRE, A.; FREIRE, A.; FRANÇA, D.; FRANÇA, S. Juventude popular e projetos educacionais: construção e fortalecimento de redes de solidariedade, afeto e sociabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 6-16.

ROVAI, M. A “memória herdada”: as comissões da verdade e os “escrachos” promovidos pela juventude em países da América Latina, como Argentina, Chile e Brasil. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 18, p. 223-250, 2015.

SANTOS, B. S. Da ideia de universidade à universidade de ideias. In: SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade, 8ª ed., São Paulo: Cortez, 2001, p. 187-233.

SOUSA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira de Adolescência e Conflitualidade**, v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009.

SOUZA, K. B. O consumo do espetáculo: reflexões iniciais sobre parafolclóricos de maracatu-nação ou de baque-virado. **Unirevista**, v. 1, n. 3, p.01-09, 2006.

UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas. **UNIFAL-MG realiza I Congresso Interdisciplinar de Espiritualidade e II Jornada Vida Plena**. Alfenas-MG, 2015. Disponível em <[http://www.unifal-mg.edu.br/comunicacao/congresso\\_interdisciplinarespiritualidadejornadavidaplena](http://www.unifal-mg.edu.br/comunicacao/congresso_interdisciplinarespiritualidadejornadavidaplena)>. Acesso em: 20 dez. 2015.

VARGAS, L. O. “Todo homem é maior que seu erro?” Bases para uma reflexão sobre o método alternativo na gestão carcerária. **Revista Ser Social**, v.11. n. 24, p. 129-163, 2009.

\*\*\*

---

Como citar este artigo:

MAGALHÃES, A. T. R.; DAMASCENO, C.; GOUSSAIN, E.; TREVISAN, J.; BORGES, L. F.; MACEDO, L.; SANTOS, L.; GROPO, L. A.; ROVAI, M. Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas-MG: relato de experiência sobre um projeto de extensão universitária. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 7, n. 1, p. 7-13, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3076/pdf>>